

Ultramar, ontem e hoje



8

Celebramos uma vez mais o dia de Portugal, assinalando a epopeia marítima dos que nos precederam. Viemos para enaltecer todos os que combateram no Ultramar, evocando, de forma especial, os que caíram pela Pátria, cujos nomes estão gravados nas pedras do monumento aos Combatentes do Ultramar.

Ao honrar os combatentes do Ultramar, exaltamos, em primeiro lugar, quem combateu por Portugal, e sobretudo os que deram a vida por Portugal.

Se hoje existimos com a identidade que nos é própria, falando a língua que nos distingue e nos aproxima, partilhando uma cultura projectada e espalhada pelo mundo, devemos-lo a muitos que lutaram e ofereceram as suas vidas ao longo da nossa história, para que tal fosse possível, e também aos que combateram e morreram no Ultramar.

Entre os que construíram a Pátria que somos, permitam-me que evoque em especial a figura ímpar de Nun'Alvares Pereira, Condestável do Reino, que a Igreja apresentou ao mundo recentemente como exemplo de valores e de virtudes, como modelo de cavaleiro e de soldado cristão.

Os combatentes do Ultramar estiveram ao serviço da presença de Portugal no mundo. Levaram consigo uma maneira própria de estar na vida. Não lutaram apenas pelo engrande-

cimento da Pátria, pela defesa de compatriotas, mas também pela expansão da nossa cultura. E fizeram-no deixando marcas dessa presença, a primeira das quais a língua, hoje partilhada por milhões de homens no mundo, matriz de uma forma de comunicação e de transmissão de valores e de afectos.

Se Portugal é hoje uma nação repartida pelo mundo, um povo conhecido e respeitado, se possui uma cultura identificada e admirada, uma língua difusa e partilhada, deve-o aos que um dia partiram, não apenas empunhando a arma, mas levando consigo uma maneira de ver o mundo e a vida, um modo de entender os outros e de com eles estabelecer relações, um jeito de rezar e de ver a Deus, uma saudade da origem projectada em futuro.

Os combatentes do Ultramar deixaram por onde passaram uma imagem e uma ideia de Portugal, um pedaço mesmo de Portugal como nação, traços de uma personalidade colectiva, vestígios de uma capacidade de construir, de produzir, de viver, de amar e de rezar. Através dos combatentes, Portugal e



os portugueses ficaram para sempre na história e na cultura desses povos que estão além do mar que hoje nos une.

Os combatentes do Ultramar não lutaram porém, apenas por Portugal. Também lutaram pela paz e pela liberdade de África, quando esse continente era atravessado por tensões internacionais que lhe eram exteriores, e que por tantos anos o dilaceraram em lutas fratricidas.

Lutaram pela paz desses povos irmãos de terras distantes, que irmanámos ao longo de séculos, porque a paz não é o silêncio das armas, mas antes obra da justiça, e tem o seu novo nome no desenvolvimento. Os combatentes do Ultramar lutaram pela liberdade, como condição de possibilidade do desenvolvimento. Estiveram, por isso mesmo, ao serviço do desenvolvimento, e nesse sentido foram obreiros da justiça e construtores da paz.

Os combatentes do Ultramar empunharam armas pela liberdade de África, uma liberdade que tardou em chegar, mas que se vai afirmando progressiva e inexoravelmente. Ao mesmo tempo, abriram estradas, construíram edifícios, alargaram a educação, prestaram serviços de saúde, inculcaram hábitos de vida e de trabalho, que se viriam a traduzir em factores de desenvolvimento. Deixaram sementes de progresso, de crescimento económico, de integração social, de convivência política na diversidade.

E já depois das independências proclamadas e da concórdia interna conseguida, muitos antigos combatentes continuaram a ajudar a edificação desses novos países, de modo a permitir-lhes ser mais eles próprios, por si e sem dependências, inclusive colaborando na formação das suas forças armadas e na consolidação da sua administração.

Por África passaram, ao longo das guerras do Ultramar, centenas de milhares de combatentes portugueses, para quem o destino de África nunca mais foi indiferente. As guerras aproximaram os portugueses dos africanos, como nunca antes na história tinha acontecido, e vice-versa.

Não foi em vão que lutaram os combatentes do Ultramar, porque Portugal continua hoje presente e espalhado pelo mundo, sobretudo através de uma língua que nos aproxima e nos irmana, e que é cada vez mais falada. Paradoxalmente, esse foi um dos resultados da guerra civil nos países de língua portuguesa: o alargamento da língua oficial por via do recrutamento alargado das populações.

A saudade portuguesa germinou em terras de África, e há hoje, passados os tempos de conflito, uma saudade de Portugal em África, tal como existe em Portugal uma saudade de Áfri-

ca. A presença de africanos em Portugal, e de portugueses em África, não cessa de crescer. E vamos descobrindo em conjunto a capacidade que o passado histórico nos conferiu de olharmos na mesma direcção, e de irmanarmos os nossos destinos.

Não foi em vão que lutaram os combatentes do Ultramar, porque a paz e a liberdade, que andaram por tantos anos arredados das terras onde combatemos, parece estar hoje chegando finalmente a essas partes de África. E esta paz e liberdade africanas, pela qual lutaram os combatentes do Ultramar, interpela-nos e responsabiliza-nos. Por isso, continuamos a partir portugueses, levados por este chamamento de África, a que estamos indissolúvelmente ligados por destino e por fraternidade histórica. Da mesma maneira, chegam a Portugal cada vez mais africanos, que querem participar no nosso desenvolvimento, sob as mais variadas formas. As caravelas que um dia partiram destas praias do Restelo, regressam agora também. Os caminhos outrora abertos não mais se fecharão.

O combate pelo desenvolvimento de África, a que nos obriga e chama o passado comum, é um combate inacabado, a solicitar a nossa cooperação e o nosso compromisso. O mar que nos separa é agora também o mar que nos une, e que configura o espaço que nos caracteriza na cena internacional. O Atlântico é hoje tam-

bém um mar de língua portuguesa

A história uniu-nos para o futuro. Vamos combater juntos para vencer os seus desafios. Será essa a melhor forma de honrar os que combateram e caíram pela Pátria no passado. ●

Palestra proferida no dia 10 de Junho de 2009 por ocasião do Encontro Nacional de Combatentes



Se Portugal é hoje uma nação repartida pelo mundo, um povo conhecido e respeitado, se possui uma cultura identificada e admirada, uma língua difusa e partilhada, deve-o aos que um dia partiram, não apenas empunhando a arma, mas levando consigo uma maneira de ver o mundo e a vida.